

MOBRAL BIBLIOTECA

ORIGEM *doarcar*

Cr\$

DATA *31/08/83*



PORTE PAGO
DR - RIO
ISR - 52 - 431/81



AÇÃO COMUM



Rio de Janeiro, julho de 1983

Ano V nº 44

Distribuição Gratuita

Seminário Discutindo o Nordeste

Para discutir a realidade nordestina, as coordenações estaduais do Mobral de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia encontram-se em Fortaleza no primeiro Seminário Discutindo o Nordeste.

Logo na abertura, a tônica do Seminário é dada por Claudio Moreira, presidente do Mobral:

"O debate é livre, a informação é aberta e este é um espaço democrático que todos devemos preservar".

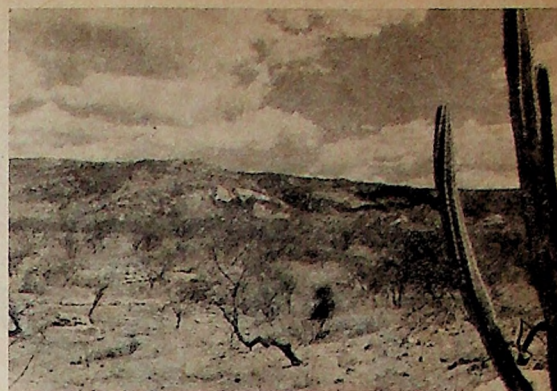


Seminário Discutindo o Nordeste



O Nordeste representa hoje 29,4% da população brasileira recenseada em 1980. A renda per capita da região chega a Cr\$ 45.916,10, sendo que a renda per capita do brasileiro, segundo o mesmo censo, está em Cr\$ 110.028,50. A contribuição em dólar do nordestino ao País atinge 1.928.283 dólares FOB, isto é, 9,56% de toda a exportação brasileira.

Apesar de esta região ser a que luta com mais dificuldades, apesar de, em termos tributários, ser considerada igual a São Paulo, apesar de o nordestino ser o nosso irmão mais pobre, ainda assim a região consegue contribuir para as nossas exportações.



Contrastes já na paisagem

Você para chegar ao povo não tem que chegar com idéias indigentes. Essa é uma idéia falsa, é uma inverdade.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE

A maior função da educação é a tentativa da ampliação dos direitos.

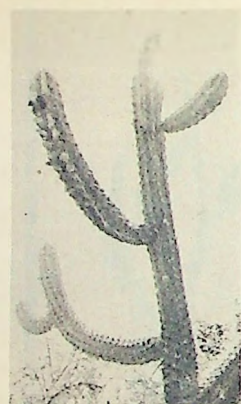
Rolando Contreras
Prof. da Universidade
Federal/CE

A educação consiste num "acultramento" do povo.

José Lins de Albuquerque
Senador/CE

A universidade reforça o sistema de classes, dando reforço à classe dominante.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE



Não temos tradição de irrigação. Nosso território tem somente 5% de área irrigada. O índio era nômade, o negro não sabia fazer, e o português não utilizava.

José Amaury Araújo
DNOCS

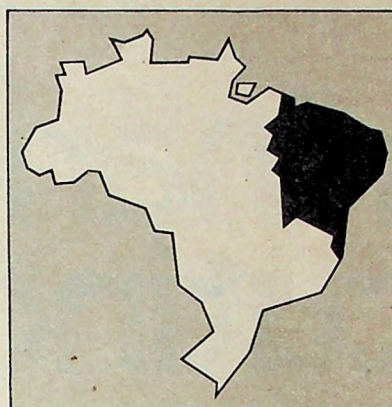


No sertão os mandacarus estão escuros. Eles nem botaram uma flor este ano. Há pessoas que estão se alimentando de comida brava. Macambira, xique-xique.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE

Compreendendo nove estados, a região Nordeste é bastante heterogênea, apresentando diversificações tanto no aspecto físico como no humano. Distinguem-se perfeitamente dentro desse conjunto pelo menos quatro zonas geoeconômicas: o Meio-Norte, a Zona da Mata, o Agreste e o Sertão. O Meio-Norte reúne os Estados do Maranhão e do Piauí e aparece como um espaço de transição entre a Amazônia e o Nordeste, incorporando peculiaridades dos dois locais. Assim, aí encontramos tanto o clima tropical como o tropical-úmido, e a paisagem se apresenta ora em forma de uma floresta equatorial, ora em forma de

cocais, em que dominam o babaçu e a carnaúba. As caatingas, típicas do sertão nordestino, só surgem no sudeste do Piauí. O restante da região Nordeste apresenta quase sempre três sub-regiões que se sucedem do litoral para o interior. A faixa litorânea que se estende do Rio Grande do Norte até o sul da Bahia, com largura que oscila entre 100 e 200 km, corresponde à Zona da Mata, que recebeu este nome por ter sido antigamente recoberta pela floresta atlântica. Após a Mata, encontramos o Agreste, região indefinida e de transição, e finalmente vem o Sertão, que reúne as grandes extensões de terra do interior nordestino, chegando até o litoral do Ceará e do Rio Grande do Norte.



O povo que a gente aprende a amar e que nós desaprendemos a amar, pelo medo, tem suas fraquezas como nós.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE

A educação não é prioridade porque não está provocando problema. O povo não ter escola não é problema. Nós técnicos somos responsáveis não pelo que acontece, mas pelo que não acontece.

Rolando Contreras
Prof. da Universidade
Federal/CE



A educação está distanciada do concreto. Há necessidade dessa relação com o concreto, com o real. E o concreto é a vida do indivíduo.

Liana Casemiro
Profa. do Curso de Mestrado em
Economia da Universidade
Federal/CE

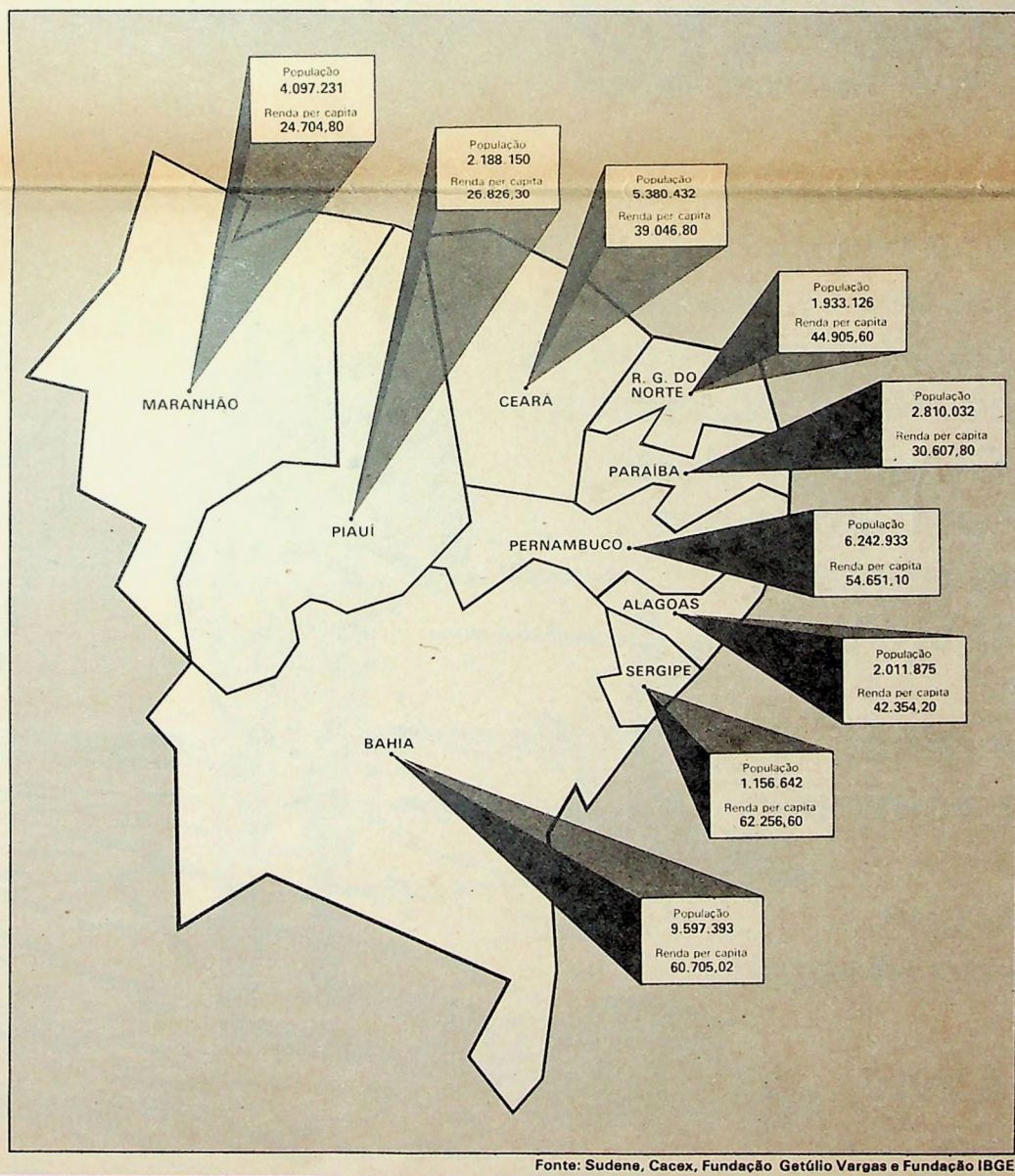


As decisões de cima para baixo anulam as iniciativas criadoras dos estados.

Luiz de Gonzaga Mota
Governador/CE

Povo unido
Jamais será vencido.

José Roberto Matos Cabral
Periferia Urbana de
Fortaleza/CE



Fonte: Sudene, Cacex, Fundação Getúlio Vargas e Fundação IBGE.

Não é com complexo de culpa que poderemos dialogar. Trata-se de um problema de partilhar os bens conseguidos.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE

Estou aqui com os pés no chão e o coração na mão. Como manter a estrutura de poder se a classe popular caminha para uma nova forma de educação?

Rolando Contreras
Prof. da Universidade
Federal/CE

Os valores das pessoas estão sendo leiloados. É necessário que outros Tiradentes se levantem para lutar pelo chão brasileiro tão querido.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

Eu pensava que ia lutar para cuidar da vida, mas agora é da morte. Os próprios municípios são marginalizados. Eles vivem a mendigar.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

Seminário Discutindo o Nordeste



Para debater o problema nordestino, discutir a realidade do Nordeste, suas potencialidades e projetos governamentais, foi promovido pelas coordenações do Mobral na região, com apoio do MEC, do Ministério do Interior e do governo do Ceará, o Seminário Discutindo o Nordeste. Nele, foram analisados aspectos sócio-econômicos e a política educacional do Nordeste.



No Seminário, discutindo carências e projetos.

Da sede que é de todos

A libertação é de todos.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE

Estou alertando as autoridades porque, à medida que o estado de miséria aumenta, torna-se impossível se educar, se organizar, e só se pode fazer alguma coisa até que a fome não crie um desespero. Se isso acontecer, nem líder comunitário, nem autoridade é capaz de sustentar o povo. Estou avisando para que não se diga, depois, que não foram advertidos.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



O homem rude, sem trator e sem arado, sustentou a economia deste país durante muitos e muitos anos.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



A ação do Mobral é convergente com a ação de outros órgãos.

Claudio Moreira
Presidente do Mobral

Promovido pelas Coordenações Estaduais do Mobral na região, com o apoio do Ministério da Educação e Cultura, Ministério do Interior e Governo do Estado do Ceará, realizou-se no Centro de Treinamento do Banco do Nordeste do Brasil, em Fortaleza, um seminário para debater os problemas do Nordeste. Com o objetivo de discutir a realidade nordestina, suas potencialidades, carências e projetos governamentais, foram analisados os aspectos fisiográficos da região, já que, dentro da atual política do MEC, o Mobral encara o problema da educação continuada de adolescentes e adultos como profundamente inserido no contexto da situação sócio-econômica e cultural do Nordeste.

A solenidade de abertura do Seminário contou com a presença do governador do Ceará, Luiz de Gonzaga Mota, do governador do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, do presidente do Mobral, Claudio Moreira, do secretário-geral do MEC, Sérgio Pasquali, secretários de estado, técnicos de órgãos federais, estaduais e municipais, professores universitários, prefeitos, representantes de associações de classe e coordenadores do Mobral no Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba, Sergipe, Maranhão, Piauí e Bahia. Falaram na abertura do Seminário o governador Luiz de Gonzaga Mota, do Ceará, o presidente do Mobral, Claudio Moreira, o secretário-geral do MEC, Sérgio Pasquali, e a delegada regional do MEC, profa. Antonieta Cals, que considerou muito oportuna a realização do seminário voltado para o "Nordeste, região sofrida, mas com homens de espírito forte". Disse ainda que o fundamental é que todos trabalhem para o aperfeiçoamento do homem — corpo e espírito — num relacionamento horizontal, em que todos são ouvidos igualmente, em que não haja verticalidade de ações, decisões tomadas, ou melhor, impostas "de cima para baixo".

Líderes da zona canavieira, do sertão, de comunidades praias e de zonas periféricas muito enriqueceram o Seminário ao falar da problemática de suas regiões e das alternativas de solução. Todos foram unânimes em dizer que projetos feitos a nível de gabinete, sem que o povo tome conhecimento, não resolvem. "Se as pessoas não ouvirem as bases, não se chegará a nada, afirmou José Roberto Matos Cabral, representante da periferia de Fortaleza. O evento contou também com a participação do repentinista Patativa do Assaré que deu um recital de poesia popular sobre a realidade nordestina. Segundo ele, "a dor só é bem cantada por quem padece".

Painéis

Realizaram-se, durante o Seminário, três painéis: A Problemática do Nordeste sob o Ponto de Vista Sócio-Político-Econômico, coordenado pelo reitor da

Universidade Federal do Piauí, João Ribeiro de Oliveira; O Papel da Educação Frente à Realidade Nordestina, coordenado pela profa. Antonieta Cals; e um terceiro com a participação de representantes de órgãos do Ministério do Interior: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste — Sudene; Banco do Nordeste do Brasil — BNB — e Departamento Nacional de Obras contra as Secas — DNOCS — sob a coordenação de Antonio Albuquerque de Souza Filho, da Universidade Federal do Ceará.

No primeiro painel o senador José Lins de Albuquerque sintetizou suas impressões dizendo que o problema do Nordeste é a seca: temos pouca água, mas temos muita energia — muito sol. A respeito de educação, o senador acentuou que ensinar é uma missão mais profunda, mais dinâmica, onde o homem aprende a conviver com seu meio ambiente. Acrescentou ainda: "Ninguém se realiza sem participar. A região Nordeste deve cobrar uma atitude política das lideranças para a solução dos seus problemas".

Ao abrir o painel sobre educação, a profa. Antonieta Cals afirmou que aquela era uma ocasião para se repensarem os problemas, porém era essencial que se entrasse logo em ação. Sérgio Marinho Barbosa do Mobral afirmou que "a única solução é buscar alternativas não-formais que complementem o que as escolas não podem fazer e que a educação não deve ser apenas uma forma de instrumentalizar o indivíduo para que ele possa ascender socialmente, mas, antes, deve estar ligada às suas necessidades básicas". Para Liana Casemiro, profa. da Universidade do Ceará, a educação reflete a estruturação econômica da sociedade. Ela prepara o indivíduo para competir no mercado de trabalho e ascender socialmente, mas esse mercado é estreitado por falta de uma política mais voltada para a realidade. O prof. chileno Rolando Contreras, em depoimento contundente, observou que a educação no Nordeste só não é resolvida quando não há uma vontade nesse sentido. Ressaltou: "O que falta é confiança nas propostas de soluções simples e disposição de ouvir o povo, abrindo espaço para reivindicações populares". A profa. Luiza Theodoro, encerrando o painel, chamou atenção para o potencial de revolta que há no povo diante das condições de vida, cada vez mais adversas. Segundo ela, é do interesse de todos que esse povo se organize de maneira a transformar sua revolta em proposta de mudança e não numa rebelião suicida.

Após a apresentação dos planos do governo estadual na área da educação, foi exibido o filme "Morte e Vida Severina" baseado num poema de João Cabral de Melo Neto. No terceiro painel, os representantes das Entidades que agem no Nordeste justificaram a presença de seus órgãos na região. Para o representante do DNOCS, José Amaury Araújo, as soluções do Nordeste "devem ser dadas pelos

próprios nordestinos". Para o representante da Sudene, Dr. Leonides Alves da Silva Filho, "a educação tem um papel muito importante, visto que cria condições para que as pessoas se sintam gente, se organizem e percebam os seus direitos sociais". E, finalmente o representante do BNB disse que é preciso repensar o desenvolvimento econômico da região contando com a participação das comunidades.

A metáfora da água

Ao findar o Seminário, todos os participantes receberam um copo com água. Enquanto isso, os coordenadores do Mobral e os líderes comunitários se dirigiram ao microfone e disseram mensagens simbólicas ao evento:

"Eu tenho sede de uma Reforma Agrária para todos os trabalhadores rurais do Nordeste". (Jonas Almeida de Souza, líder comunitário da zona sertaneja)

"Eu tenho sede de um pedaço de chão para plantar". (Ulisses Roque da Silva, líder comunitário da zona canavieira)

"Eu tenho sede para que todos os governos olhem, sintam com o coração e olhem com os olhos para o meu povo sofrido". (Albertina Roque de Holanda, líder da zona praieira)

"Meu povo sente uma sede de morar na casa própria, sem ter que passar fome". (José Roberto Matos Cabral, líder comunitário da zona da periferia urbana)

"Eu tenho sede de que todos nós que estamos aqui, participando deste seminário, tenhamos a coragem e a humildade de caminhar junto ao povo sofrido do Nordeste". (Profa. Maria Lucia Marques, coordenadora do Mobral do Rio Grande do Norte)

"Eu tenho sede de ver um homem nordestino ter forças para reivindicar os seus direitos". (Profa. Maria das Graças da Silva Oliveira, coordenadora do Mobral no Maranhão)

"Eu tenho sede, sede de verdade que supere o engodo". (Profa. Elza Barreto Sampaio, coordenadora do Mobral em Sergipe)

"Eu, como nordestina, tenho muita sede de que a abertura do presidente Figueiredo atinja muita gente e transforme o seu EU em NÓS". (Profa. Ilka Figueiredo, coordenadora do Mobral na Bahia)

"Eu tenho muita sede pela extinção da diversidade semântica dos Brasis". (Profa. Maria José Casado Marinho, coordenadora do Mobral em Alagoas)

"Eu tenho sede de poder o quanto antes, juntamente com todos vocês, atender à recomendação milenar do grande sábio Salomão quando disse: Abri tua boca a favor do mudo e pelos que se acham desamparados". (Profa. Zulmira Maria de Carvalho, coordenadora do Mobral de Pernambuco)

"Eu tenho sede de que do meu interior fluam rios de águas vivas de soluções duradouras no Nordeste". (Renault Vieira de Souza, coordenador do Mobral na Paraíba).

O sonho de todo educador é que as próprias populações elaborem seus programas de educação e sua própria libertação.

Rolando Contreras
Prof. da Universidade
Federal/CE



Vamos ouvir tudo o que foi dito e foi sugerido e pensar no que o Mobral pode fazer para facilitar, viabilizar essas ações.

Claudio Moreira
Presidente do Mobral



Colonização e Reforma Agrária. Agora a Reforma Agrária vem em segundo lugar. Vê-se que foi maldade. Por que não cumprem a lei? Não dividem a Terra conforme a Mensagem 33, o Estatuto da Terra, artigo 61?

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

A revolução de hoje não é mais a Revolução Industrial. É a Revolução da Igualdade. Dos Direitos Humanos.

Pedro Sisanando Leite
BNB

A escola não está cumprindo a sua função porque não é prioridade do governo, nem política, nem social, nem cultural.

Rolando Contreras
Prof. da Universidade
Federal/CE

A expectativa de vida no Ceará é de 42 anos. As deficiências são inquietantes para quem estuda com seriedade a situação.

Osmundo Rebouças
Secretário de Planejamento/CE

O CTA e o CNPq só concordam quanto à duração da seca que estamos sofrendo. E não divulgamos à população para não causar pânico.

Leonides Alves da Silva Filho
Superintendente adjunto da
Sudene/PE

Primeiro tem que fazer água, para depois fazer o açude. Há contradição e conflito entre os órgãos que atuam nessas áreas.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

O ideal é que depois do Ano da Mulher, da Criança, do Ancião venha o Ano da Não-Corrupção — ninguém vai roubar o dinheiro público.

Sérgio Marinho Barbosa
Mobral Central — Depla

Seminário Discutindo o Nordeste



No pronunciamento abaixo, Claudio Moreira, presidente do Mobral, mostra-se disposto a discutir com franqueza o problema de uma das regiões mais sofridas do País. Nele, Moreira coloca a importância de se identificar instrumentos que apoiem o homem sofrido do Nordeste e que lhe ofereçam horizontes mais largos de vida.



Claudio Moreira
e a força para romper
a onda de pessimismo.



Na determinação do povo...

Precisamos apresentar projetos nossos para negociar com quem quer que seja.

José Roberto Matos Cabral
Periferia Urbana de
Fortaleza/CE

Nos bolsões só uma pessoa pode trabalhar. Na zona rural a família tem 8 pessoas. Ter 10 filhos é comum. E o único que trabalha (o chefe da família) ganha menos de um salário mínimo. Não se sabe como ele está sobrevivendo.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE



Toda água no Nordeste é válida, seja ela qual for.

José Amaury Araújo
DNOCS

Defender comunidade pobre não é fácil. Lutar contra o analfabetismo não é fácil; muitos tiram vantagem disso. Povo forte sem conhecimento não existe.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



Dar condições para que a mulher durante o dia, na casa dela, possa estudar. No material deve haver noções de higiene, culinária, saúde, trabalho.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE

A comunidade está imersa numa necessidade global. Seus sentimentos não estão setorizados em termos de necessidades de educação, saúde, trabalho, informação e outras. Eles afloram simultaneamente e em íntima conexão com a problemática individual e coletiva de determinados grupos humanos, a cada momento e num rodízio de exigências de ordem material e espiritual. Manifestam-se como erupções ocasionais, sim, mas há uma continuidade crescente que se inter-relaciona e identifica com a evolução do processo social e cultural. E isto reflete um conjunto de fatores que conduzem ao desejo de elevação do nível de vida, à reivindicação do bem-estar, à busca da felicidade.

Região sofrida

Estamos reunidos, neste seminário, neste encontro marcado, para discutir com franqueza e coragem os problemas de uma das regiões mais sofridas deste nosso Brasil — o Nordeste — e onde é sentida a presença desse homem carente, esquecido, mas forte, disposto à luta pacífica, mas coerente pelo direito de saber, afirmar-se, aprender para resolver mais rapidamente e mais eficientemente seus questionamentos, e superar aquelas necessidades globais. O Mobral, através de suas nove Coordenações Estaduais do Nordeste, conscientemente se coloca à frente deste evento, orgulhoso de uma tradição de 13 anos de engajamento na tarefa de promover a educação básica não-formal, como instrumento instigador e de apoio à transformação sócio-econômica e à melhoria de condições de vida do brasileiro. Nosso engajamento é convergente, neste seminário, ao de outros órgãos igualmente interessados em solucionar a problemática da população carente, como o Ministério da Educação e Cultura em seu todo, o Ministério do Interior e, particularmente, a Fundação Projeto Rondon, empenhados com frequência em trabalhos que atingem os pontos mais altos em termos de interesse e recursos, educam os jovens na realidade social e efetivamente operacionalizam os objetivos programados. No caso específico do Nordeste, não se poderia olvidar a participação decisiva da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste — Sudene — e do órgão mais antigo no combate ao flagelo secular que assola a região semi-árida do País, mais antigo e dos mais eficazes, o Departamento Nacional de Obras contra as Secas — DNOCS. Somos companheiros na linha de fogo.

O nordestino faz o País

Mas, voltando ao homem, em que pese todas as dificuldades, no campo educacional, cultural e social, o homem brasileiro, em especial o nordestino — sertanejo ou litorâneo —, fez e faz o País. E sabe hoje, felizmente, que conta com quem possa ajudar. E nessa estamos nós, o Mobral, que existe,

vive, respira a fim de recuperar, utilizando as técnicas e metodologias especiais — a educação não-formal —, os milhões de brasileiros que perderam a oportunidade, na idade adequada, de adquirir as benesses da educação formal, e que desenvolvem um trabalho contínuo, ininterrupto, seguro, educativo, junto às comunidades, ao nível de autocritica, ao invés da autocomiseração, para a auto-suficiência, ao invés da dependência. Tudo isso visando a se elevar, elevando também este país que ama e dignifica com seu exemplo de fé no futuro, assim como acredita no seu passado de glórias, para um tempo maior e melhor de auto-afirmação mútua — as gentes e seu habitat.

A presença do secretário-geral do MEC, prof. Sérgio Pasquali, honra a Presidência do Mobral e valoriza a abertura deste seminário. Da mesma forma, sinto-me envidado pela atenção dos governadores aqui presentes, oferecendo seu prestígio a uma iniciativa que deve buscar respostas à altura de presenças tão ilustres. Esta nação, como instituição mais ampla da consciência nacional, está preocupada pelo que ouve, lê e sente. Mas a conscientização ampla e livre dos contornos da crise não deixa de ser também uma conquista da abertura política. O debate é livre, a informação é aberta, o clima é de liberdade e esse é o espaço democrático que todos devemos preservar. Temos o privilégio de ser filhos de um país potencialmente rico. A energia de cada um de nós é o grande filão que precisa ser explorado. Todos nós

existimos e somos uma força. Busquemos a fé para vencer a desesperança.

Um símbolo

Precisamos liberar e fortalecer nossa vontade para romper e afastar as dificuldades e, mais que isso, toda a sociedade há de buscar na determinação o estímulo para a luta. Não há crise que seja capaz de varrer do sentimento de um povo a fé, a vontade e a determinação. A força para romper a onda de pessimismo está em nós. Mas se todos precisamos de um símbolo, de uma verdade, de uma referência para nutrir a fé, a vontade e a determinação, o exemplo a ser seguido é o cidadão João Baptista de Oliveira Figueiredo, o nosso presidente João Figueiredo. Um Brasil democrático será o seu legado a todos nós.

Respostas objetivas

Cabe-nos continuar esta construção e é nesta expectativa que fixo o meu apelo. Devemos perseguir respostas objetivas, abrangentes e realistas aos desafios que este encontro coloca diante de todos nós. Nosso tema é o homem sofrido do Nordeste, em todo o seu universo de aspirações. O que devemos identificar são os instrumentos para apoiarmos esse homem, em condições de oferecer-lhe caminhos que lhe abram novos e mais largos horizontes de vida. Esta é a proposta que deve balizar os debates e as reflexões do Seminário. O interesse de cada participante deve corresponder à dimensão de sua própria responsabilidade para com o Nordeste.

O convite ao debate

Foi uma verdadeira "lição de vida" tudo o que foi visto e ouvido durante o Seminário Discutindo o Nordeste. As Coordenações Estaduais do Mobral na região saudaram os participantes, convidando para o debate:

"O esforço despendido pelo Mobral, durante seus 13 anos de atividade, centrou-se em propostas educativas, tendo em vista o atingimento do seu objetivo principal: Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos. Tais propostas são desenvolvidas de acordo com as características locais.

Constituem, ainda, premissas do trabalho do Mobral o respeito ao universo cultural dos participantes — que é o ponto de partida deste trabalho —, bem como a integração de ações voltadas para a valorização e a participação municipal. Dentro dessa

integração de ações, o Mobral se propõe a colaborar com as unidades da federação, no estabelecimento e na execução de um plano estadual de educação de adultos que venha a contemplar as demandas municipais comunitárias.

Por isto estamos aqui: reunidos para ouvir, analisar, discutir e sugerir. Reunidos para, em conjunto, representantes da população — zona rural e periferia urbana — e dos órgãos do governo, chegarmos a recomendações que indiquem propostas e alternativas de práticas educativas adequadas à problemática nordestina. A realização deste seminário é marco importante nesta busca de todos nós".

Coordenações Estaduais do Mobral, no Nordeste.

Pensar na escola pública que contemple as crianças das classes populares.

O povo também se engana. Mas, raramente erra quando pensa em conjunto. Estamos todos no mesmo barco, no sentido das ilusões.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE

A seca continua sendo a calamidade pública desde 1860. O problema do Nordeste é social e político.

Osmundo Rebouças
Secretário de Planejamento/CE

As terras estão se concentrando nas mãos de quem não cuida delas e nelas não trabalha.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



Na zona rural é rara a região onde existe energia elétrica. O sertanejo que vive lá nos cafundós, lá nos pés de serra, ele está nas frentes de trabalho, na emergência, nos bolsões da seca.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE



A clarificação vem do diálogo amoroso: verdade, confiança...

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE



Aqueles companheiros que de fato saem do sertão, são expulsos da terra em que eles vivem plantando, chegam à cidade e vão ter que ir pras favelas, e nós das comunidades estamos enfrentando barra pesadíssima porque a cada dia que passa as favelas aumentam na nossa Fortaleza.

José Roberto Matos Cabral
Periferia Urbana de
Fortaleza/CE

Seminário Discutindo o Nordeste



Para Sérgio Pasquali, secretário-geral do MEC, conspiram contra a continuidade da ação educativa a baixa renda familiar e a conseqüente participação da criança na força de trabalho. Fatores como as migrações internas, as condições dos professores, o ambiente escolar e a inadequação curricular — para ele — somam-se à pobreza, à desnutrição e às enfermidades, em prejuízo da produtividade do sistema educacional na região.



Pasquali: respeito à identidade cultural para uma ação eficaz.



... o estímulo para a luta.

A prioridade no Nordeste é a sobrevivência, é a água de beber.

José Agripino Maia
Governador/RN

O homem do campo está sendo expulso para as periferias das cidades. É tângido sem a mínima possibilidade de emprego. O povo não tem o que comer e muito menos o que vestir.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



Nós temos medo de amar.

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE

O Nordeste está sem autonomia para influir no seu próprio destino.

Luiz de Gonzaga Mota
Governador/CE



O Nordeste brasileiro vem sendo secularmente espezinhado, massacrado e explorado pelas restantes regiões do País e hoje assume uma fase aguda de conscientização, uma fase aguda de chega, basta.

Marcondes Rosa de Souza
Prof. da Universidade
Federal/CE



As cidades estão inchando porque não há mais condições para o homem viver no campo. Não é fácil encontrar uma saída.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE

— O Mobral é um órgão singular, pois se adapta às condições e peculiaridades de cada comunidade, valoriza seus elementos culturais, reconhece as diversidades regionais, levando-as em consideração no processo educativo, sem perder de vista a unidade nacional que a Educação deve fortalecer. Desta forma, o secretário-geral do MEC, Sérgio Pasquali, definiu a atuação do Mobral durante o Seminário Discutindo o Nordeste. — Esta abordagem — afirmou o secretário —, quando adotada numa região menos desenvolvida como o Nordeste, contribui para motivar e valorizar as potencialidades regionais e locais.

Prioridades

Depois de agradecer a presença do governador do Ceará, Luiz de Gonzaga Mota, de seus assessores, do governador do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, autoridades, líderes, técnicos e representantes de todos os estados nordestinos, Sérgio Pasquali iniciou seu pronunciamento falando da importância que representa a troca de experiências no trabalho de campo conseguida pelo Seminário. Para ele, isto contribuirá poderosamente para o encaminhamento de soluções reais e integradas dos problemas nordestinos. Falando sobre o compromisso com a educação, assumido ao serem traçadas as políticas setoriais no III Plano Nacional de Desenvolvimento — III PND —, Sérgio Pasquali lembrou ter o governo definido a política de educação, cultura e desporto, direcionando-a preferencialmente às populações de baixa renda. Trata-se de um esforço conjunto, diz ele, no sentido de redistribuir os benefícios do crescimento e de estimular a participação política. Sintetizando a política para o setor de educação, cultura e desporto, durante o governo Figueiredo, Pasquali apontou como prioridades a Educação Básica e o Desenvolvimento Cultural, definidas em função dos desafios que a realidade do País impõe ao sistema educacional.

Desafios

O secretário-geral do MEC destacou ainda os grandes desafios, situados na área da educação básica, que precisam ser vencidos. Educar a criança pobre da zona rural e da periferia urbana é um deles. — O acesso ao ensino de 1º grau é constitucionalmente garantido a toda a população na faixa dos 7 aos 14 anos de idade. Entretanto, segundo o censo de 80, num universo aproximado de 22 milhões de crianças, mais de 7 milhões permanecem fora da escola. Agravam-se os problemas referentes à absorção da população em idade escolar, sobretudo nas regiões menos desenvolvidas do País — lembrou o secretário. Conspiram ainda, segundo Sérgio Pasquali, contra a continuidade da ação educativa fatores como a baixa renda familiar e a conseqüente participação de crianças na força de trabalho, as migrações internas, as



O secretário-geral do MEC aponta grandes desafios a serem vencidos na educação.

condições dos professores, o ambiente escolar (70% das 200 mil escolas de 1º grau têm apenas uma sala), a inadequação curricular e a falta de material didático. Para ele, estas deficiências vêm somar-se a outras variáveis conhecidas, como a pobreza, a desnutrição e as enfermidades que exercem inegável influência sobre a produtividade do sistema educacional. Integrar o analfabeto na vida social, política e econômica também foi indicado pelo secretário-geral do MEC como um importante desafio, já que é direito da pessoa humana o acesso ao processo educativo. Neste processo, ressaltou Pasquali, incluem-se, além da alfabetização e do domínio das operações numéricas, os conhecimentos e a habilitação para atividades produtivas, planejamento familiar, cuidados básicos com saúde e nutrição, bem como uma formação adequada ao exercício consciente da cidadania. Assim, Sérgio Pasquali reconheceu as dificuldades da tarefa de educar uma população dispersa e heterogênea, de diferentes necessidades e motivações, para quem a utilidade da educação nem sempre se evidencia.

Terceiro desafio

Como terceiro desafio a ser vencido pela educação, o secretário apontou a preservação da identidade da cultura nacional: — A anomia, a indiferença e aceitação acrítica de hábitos, valores e padrões de conduta descaracterizam e dilapidam nosso patrimônio cultural. O respeito à identidade da cultura nacional é condição básica para uma ação educativa eficaz e duradoura — disse Pasquali. A falta de consciência social sobre a importância da prática regular de atividades desportivas, decorrente de restrições social e material, constitui motivo de preocupação para o secretário e também um desafio a ser vencido.

Mobral: uma solução criativa

— Para enfrentar os grandes desafios que afetam a educação, a cultura e o desporto — disse o secretário-geral do MEC — se tem procurado utilizar todos

os meios e recursos disponíveis. A criação do Mobral, em 1967 — lembrou ele — é um exemplo significativo dessa postura na busca de soluções criativas, e a Instituição se torna, a cada dia, mais presente e indispensável aos milhares de comunidades deste país. Falando da ação da entidade ao recuperar, com as técnicas da educação não-formal, a legião de brasileiros que deixaram de escolarizar-se na faixa etária própria, Pasquali julgou importante enfatizar o papel do Mobral num seminário cujo objetivo é discutir o Nordeste: — É importante o papel dessa agência educacional pública que, valendo-se de uma rede de ação cuja malha atinge praticamente todos os municípios do País, desenvolve ações não-formais e informais de caráter multidisciplinar, proporcionando condições de intercâmbio e desenvolvimento cultural.

Papel significativo

Para o secretário-geral do MEC, a atual crise, habitualmente vista em seus aspectos negativos, pode constituir expressivo estímulo a manifestações de criatividade e renovação no campo educacional. — Cabe ao Mobral, por sua experiência, flexibilidade, infra-estrutura e recursos, um papel bastante significativo neste processo — afirma ele.

Participação comunitária

Também a dimensão política, com a valorização dos processos democráticos de consulta popular de representação das maiorias, além da participação dos beneficiários nas decisões que os afetam, foi vista pelo secretário como componente obrigatório do trabalho educacional. Trazendo à reflexão dos participantes certas características e potencialidades do Mobral, Pasquali falou da participação comunitária e da ênfase atribuídas às modalidades não-formais e informais de educação pelo órgão, o que, segundo ele, convém fortalecer e preservar: — O Mobral foi inovador no que diz respeito ao envolvimento da comunidade como agente do processo educativo. Esta visão levou-o a vincular componentes como saúde, trabalho, cultura, desporto e lazer às ações educativas integrantes das necessidades básicas da população. O atendimento pelo Mobral de crianças em idade pré-escolar bem como a orientação de sua ação educativa no sentido de alcançar toda a família, e não apenas alguns de seus membros, foram apontados pelo secretário como a demonstração de sua capacidade de adaptar-se a situações novas. Dizendo acreditar no Mobral por ser um órgão a atuar a partir da base comunitária, de baixo para cima, Sérgio Pasquali encerrou seu pronunciamento reconhecendo a necessidade de se aproveitarem ao máximo as potencialidades e características próprias da entidade, no atendimento às aspirações da comunidade.

As solteironas neuróticas de 35 anos que ficam se desculpendo com a "educação reservada" que o pai e a mãe lhe deram não estão mais na idade de "ter" pai e mãe...

Luiza Theodoro
Profa. das Universidades
Federal e Estadual/CE



Se a água resolvesse todos os problemas, o Maranhão e o Amazonas seriam mais desenvolvidos do que o Rio e São Paulo. O problema do Nordeste é a seca.

José Lins de Albuquerque
Senador/CE



As soluções do Nordeste serão dadas pelos próprios nordestinos.

José Amaury Araújo
DNOCS



Parece que, quando os projetos são feitos, não existe interesse das pessoas em resolver os problemas do povo.

Os mecanismos de espoliação são consagrados na lei e nos costumes.

Luiz de Gonzaga Mota
Governador/CE

Temos terras ociosas; se elas fossem cultivadas, eram bem capazes de suprir e ajudar os sertanejos em suas dificuldades.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

Nós não desamamos o povo, mas para mim nós aprendemos a ter medo de amar o povo.

Therezinha
Chefe do Departamento de
Educação da Ufal

A seca no Nordeste é, sobretudo, a má distribuição de água.

José Lins de Albuquerque
Senador/CE

Seminário Discutindo o Nordeste



Para realizar a tarefa de suprir as carências nordestinas é preciso ser realista e não ter ilusões quanto a milagres, diz o governador do Ceará, Gonzaga Mota, durante o Seminário Discutindo o Nordeste. Partidário de um pacote tributário e de uma reforma econômico-social, o governador considera estes fatores, ao lado da distribuição de renda, condição essencial para uma sociedade mais aberta.



As reflexões do Governador

Estamos no quinto ano sem chuva. No Ceará há municípios que têm 0% de produção.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE



A educação tem que estar intimamente ligada às necessidades básicas do ser humano.

Sérgio Marinho Barbosa
Mobral Central - Depla

Educador tem que ser, acima de tudo, educador.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



A crise há muitos anos vivida pelo Nordeste impõe mudanças rápidas no seu modelo de desenvolvimento.

Paulo de Tarso Lustosa da Costa
Deputado

Nós temos educação; falta cumprir o que se promete. Está faltando compromisso diante da educação que existe.

Leonides Alves da Silva Filho
Superintendente-adjunto da Sudene/PE

O Brasil ainda não se conhece a si mesmo. Há barreiras entre as regiões e há barreiras entre os habitantes dessas regiões. Do Nordeste, a maioria sabe que é o país da seca, mas ignora as suas possibilidades de progresso, seu papel na economia e as injustiças de que se tornou alvo. É preciso que a realidade seja plenamente conhecida e que esta realidade impregne os ensinamentos de cada professor em cada escola.

Assim, o governador do Ceará, Gonzaga Mota, falou na abertura do Seminário Discutindo o Nordeste — segundo ele uma oportunidade para que o Brasil tome consciência de suas dificuldades, suas disparidades inter-regionais e parta para a construção de uma nação verdadeiramente integrada e unida. Congratulando-se com o Ministério da Educação e Cultura e com o Mobral pela realização do Seminário, o governador do Ceará atribuiu grande significado ao fato de que esta iniciativa tenha partido do setor educacional.

— A questão educacional é um dos graves sintomas do atraso que aqui impera e uma advertência de que, para alcançarmos o desenvolvimento econômico e social, temos de usar a educação como instrumento de indução do pensamento e da vontade criadora — disse Gonzaga Mota em seu discurso no Centro de Teinamento do Banco do Nordeste do Brasil — BNB — no Passaré.

Em seguida, mostrou estatística do MEC segundo a qual, dos 21 milhões de analfabetos registrados pelo censo de 1980, 51% encontravam-se no Nordeste. Mostrando o índice de apedeutas em Alagoas (51%, sendo que 42% deles entre os menores de 15 anos), o governador o compara com os índices de analfabetismo em São Paulo e aponta o fator econômico como protagonista desta situação. Falou das secas periódicas, como um pesado fardo criado pela natureza, que desestabilizam a economia e desviam recursos que deveriam ser aplicados em investimentos econômicos e sociais.

Pacote tributário

Dizendo-se partidário não só de um pacote tributário, mas de uma reforma econômico-social que objetive principalmente melhor distribuição de renda, o governador Gonzaga Mota citou estes fatores como condição *sine qua non* para que tenhamos uma sociedade econômica e politicamente aberta. Criticando os mecanismos fiscais que obrigam os estados nordestinos a pagarem expressivos impostos, Gonzaga Mota ataca a ilógica do sistema tributário como um dos fatores perturbadores da ação do governo e da iniciativa privada. Também as isenções tributárias impostas em prejuízo da arrecadação dos estados mereceram análise do governador:

— Não se pode esconder o fato de que a distribuição dos investimentos públicos no Ceará e na região é bem inferior à que impõe a participação demográfica.

Improdutiva é a expansão do capitalismo; na medida em que ele se amplia, ele exclui o homem do campo.

Liana Casemiro
Profa. do Curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal/CE

Não é uma questão de se criar uma escola para o povo. O que é necessário é que a escola seja uma escola popular.

Rolando Contreras
Prof. da Universidade Federal/CE

Com essa trilogia se resolveria tudo: água, emprego e terra: PRO - água PRO - emprego PRO - terra.

Paulo de Tarso Lustosa da Costa
Deputado

Ensinar não é um fim - não se deve só ensinar a ler e escrever, pois ensinar é uma missão mais profunda, mais dinâmica. É ensinar a conviver com o meio ambiente.

José Lins de Albuquerque
Senador/CE

A gente não se preocupa com a educação de A, B e C, e sim com a educação do homem todo.

José Roberto Mota Cabral
Periferia Urbana de Fortaleza/CE

A saída para os problemas do povo tem que ser levantada pelo próprio povo.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

Dentro do sistema capitalista há um privilegiamento do capital. As grandes dificuldades são:

- sucessão hereditária;
- expansão capitalista no campo.

Leonides Alves da Silva Filho
Superintendente-adjunto da Sudene/PE



Nós precisamos juntos encontrar meios, saídas pra ter uma educação mais adequada no meio rural porque só assim a gente pode desenvolver esse Ceará que tem um povo forte. Ele quer ficar lá no sertão mesmo. Sai na marra para as cidades que estão enchendo. Só está vindo pra cá porque lá não tem mais condições de vida.

Jonas Almeida de Souza
Sertão/CE



Só vamos aprender a participar quando percebermos que somos todos iguais. O Nordeste é viável, desde que recupere suas relações de horizontalidade.

Rolando Contreras
Prof. da Universidade Federal/CE

Não há vontade política para resolver os problemas do Nordeste.

Paulo de Tarso Lustosa da Costa
Deputado

Seminário Discutindo o Nordeste



Quatro líderes comunitários das diversas regiões do Nordeste concordam num mesmo ponto: o de que há uma falta de fé e de esperança do povo nas instituições e na sociedade de um modo geral. Na região canavieira há preocupação com o latifúndio, mas há toda uma problemática de miséria, fome e desemprego colocada por Ulisses Roque da Silva, Jonas Almeida de Souza, Albertina Roque de Holanda e José Roberto Matos Cabral.



O que pensam os líderes



Quando a miséria e a fome chegam, não é mais possível a educação.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

A escola precisa ser repensada junto com as comunidades.

Sérgio Marinho Barbosa
Mobral Central - Depla



Dentro da nossa área de Fortaleza, a nossa periferia, a coisa não está muito diferente daquela situação do interior. Talvez esteja um pouco pior porque lá no interior não tem água, porque a chuva não vai e aqui a gente paga a água e a água não chega.

José Roberto Matos Cabral
Periferia Urbana de Fortaleza/CE



Devemos refletir mais a questão regional, fazer a mobilização para repensar a base institucional política do Nordeste. Este é o momento de desafio à nossa competência, às nossas concepções.

Liana Casemiro
Prof. do Curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal/CE

A região Nordeste deve cobrar uma atitude política das lideranças para a solução da sua problemática.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE

Na abertura dos trabalhos, com os líderes comunitários, o coordenador do painel, prof. Marcondes Rosa de Souza, da Universidade Federal do Ceará, destacou como objetivo fundamental do encontro a "tomada de consciência da visão que os segmentos comunitários têm do Nordeste e do papel da educação informal no desenvolvimento deste Nordeste". Ainda segundo o professor, os participantes do painel iriam "tentar sobretudo colocar em cima da mesa, para uma posterior discussão, em primeiro lugar, a ótica que esses segmentos comunitários têm do problema educacional e da realidade nordestina, e depois, na ótica deles também, quais seriam as alternativas para um processo de desenvolvimento agenciado pela educação".

Quatro representantes

Durante o painel tiveram a palavra quatro representantes de diversas regiões: Ulisses Roque da Silva, da zona da mata, ou canavieira; Jonas Almeida de Souza, do sertão; Albertina Roque de Holanda, da região praieira; e José Roberto Matos Cabral, da periferia urbana. Todos eles concordaram num ponto: a falta de fé e de esperança que o povo sente nas instituições e na sociedade de um modo geral. "O povo acha-se abandonado à própria sorte, por tantos anos, que não acredita mais nas promessas nem mesmo nas notícias transmitidas pelo rádio, principal meio de comunicação a seu dispor. Mesmo quando algum trabalho começa a render frutos, eles não se animam, pois sabem por experiência própria que logo vão abandonar o projeto, voltando tudo como era antes".

Região canavieira e sertão

Os representantes da região canavieira e do sertão destacaram também como preocupação comum o latifúndio. As terras no interior pertencem a grupos fortes, a poderosos que nada fazem com elas, enquanto o homem do campo passa necessidades e se vê obrigado a abandonar seu local de nascimento em busca de trabalho nas periferias urbanas.

Zona da mata

Segundo Ulisses Roque da Silva, representante da zona da mata, "todos os anos os ricos se tornam mais ricos e os pobres se tornam mais pobres. Parece até que na nossa região — Mata Norte e Mata Sul — há interesse por essa crise de que tanto falam, porque o que nós estamos vendo é o salário do operário, são os valores da pessoa sendo leiloados em cima de uma crise. Os grandes proprietários se aproveitam muito disso para pagar barato aos nossos camponeses e aos nossos trabalhadores que, dessa forma, vão empobrecendo cada vez mais, enquanto que, segundo os dados estatísticos do IAA, sabemos que na zona da Mata Norte e Mata Sul a produção da cana-de-açúcar tem



crecido. Diante dessa problemática toda, criou-se um estado de miséria — fome, desemprego —, e o pior de tudo é que o homem do campo da nossa área não acredita mais em nada. Por tudo que se fala, por tudo que se diz, parece que o homem está perdendo a esperança". Ainda, segundo Ulisses, o homem do campo "vai para a periferia da cidade tanguendo com sua família sem a mínima possibilidade de emprego e também sem a mínima condição para pôr o filho na escola". No aspecto educacional, Ulisses afirma que "os governos municipais têm o Mobral em segundo plano. Existe nos municípios aquela preocupação de gastos com educação. Para mim essa história não está certa porque quando se fala em gastos a tendência é reduzir, e eu acho que em educação não se gasta, se investe. (...) Eu me lembro muito bem que, quando começamos na luta pelo Mobral, encontramos muitos empregadores que diziam assim: Ah, esse Mobral, isso vai dar trabalho. Com esse povo aprendendo a ler é mais difícil pra gente. Vejam a mentalidade da nossa gente, até para ensinar o homem do campo, o capitalista corria risco. Mas, diante de tudo isso, não há motivo para nós desanimarmos na nossa caminhada porque eu acho muito difícil, muito difícil mesmo se encontrar uma saída, quando a nossa gente é analfabeta, sem as mínimas condições de defesa, porque povo forte sem conhecimento é difícil; só ensinando a ler, a escrever não é o bastante, mas é preciso se integrar com amor. É preciso que cada educador, cada professor seja acima de tudo um educador. Porque ser professor é muito fácil, educador não é", conclui Ulisses. O representante do sertão, Jonas Almeida de Souza, falou do problema da seca, que está fazendo com que as pessoas "se alimentem com comida de mato, que nós chamamos comida braba: xiquexique, a mocunã, a macambeira". Jonas diz que as chamadas "frentes de trabalho ou emergência, que agora passaram a chamar-se de bolsões da seca, esses bolsões não estão atendendo nem a metade do povo que precisa trabalhar. Cada município em que o homem não tem lavoura, não tem nada para fazer, tem em média 10, 15 mil trabalhadores

precisando de serviços, e nós temos 4, 5, 6 mil trabalhando".

O problema da educação começa, segundo Jonas, no salário pago às professoras, que mal dá para seu sustento e locomoção, já que geralmente moram longe do local de trabalho. Outro problema é o desnível entre as crianças. "Uma já lendo o livro, outra na cartilha, outra na carta do ABC como nós chamamos. Estão todas juntas ali de uma vez só. Acho que isso aí é um grande atraso para a evolução do ensino no meio rural. Outro fator importante a ser destacado é que a maioria das mães são analfabetas; isso faz com que as crianças não tenham nenhuma estimulação". Jonas chama a atenção também para a dificuldade que o homem do campo tem depois de um dia de trabalho, ou, no caso das mulheres, às voltas com as crianças, para se locomoverem até o Posto do Mobral, geralmente distante de suas casas, para aprenderem em condições precárias, à luz de querosene, forçando as vistas já cansadas. Como solução, Jonas propõe que se "leve o ensino ao menos às mulheres, nas suas próprias casas, durante o dia, fazendo programas semanais de ensino, com tarefas que pudessem cumprir nos intervalos de seu dia de trabalho". Albertina Roque de Holanda também concorda com Jonas, já que na sua região, a praieira, os pescadores não têm dias certos de permanência em terra. "A saída para a educação deles tinha que ser uma escola que eles não fossem à escola, e a escola viesse a eles. Uma escola disponível para os dias em que eles também estivessem disponíveis". Ela reclama também da falta de comunicações em sua região, que dificulta sobremaneira o transporte de remédios e dos doentes, e defende os pescadores afirmando que eles não são preguiçosos e sim desesperançados. Dizem que os pescadores não querem nada. Mas coitados, se eles têm que pescar, eles não têm condições de ficar um ano ou seis meses em terra pra estudar. Eles têm que dar de comer à família e estudar".

O representante das periferias, José Roberto Matos Cabral, afirmou que "na área de bairro de Fortaleza, o problema mais crujante que nós estamos enfrentando é o da moradia, o da terra, que vem lá do sertão. A delinquência também está demais e eu não vejo solução. Vejo projetos, não soluções. Vejo também que as soluções sempre serão difíceis porque os projetos são feitos a nível de gabinete. Não vai adiantar muito estar se montando projetos e mais projetos se não escutam as bases". José Roberto afirmou também que "o problema é você encarar a educação como um todo na vida do ser humano. Porque deveria existir no seu currículo também não só a preocupação de saber ler e escrever, tem que aprender a saber quais são seus direitos e seus deveres. E procure uma prática que de fato vai interessar, porque se o que se ensina não tem interesse para a vida, ninguém vai querer aprender não".

Agora eu sei que a educação é mais uma peça da engrenagem maior para servir aos poderosos.

Ulisses Roque da Silva
Zona da Mata/PE



Se a educação básica apresenta hoje uma situação alarmante no País, tal quadro assume proporções verdadeiramente dramáticas no Nordeste, e disto somos testemunhas.

Sérgio Pasquali
Secretário-geral do MEC

Os problemas do Nordeste representam um desafio tão veemente que a ação governamental sozinha tem sido insuficiente para diminuir as desigualdades entre os nordestinos e os demais brasileiros.

Luiz de Gonzaga Mota
Governador/CE



O povo adquirirá a ampliação da consciência social dos seus direitos através do exercício da aprendizagem de participação; e aprenderemos a participar quando entendermos que somos todos iguais, só então teremos condições de diálogo. A construção do saber se dá a partir do trabalho com dados da realidade produzidos pelo educando (quer seja adulto ou criança).

Rolando Contreras
Prof. da Universidade Federal/CE

A educação é uma mínima engrenagem, de uma engrenagem maior, a serviço dos poderosos.

José Roberto Matos Cabral
Periferia Urbana de Fortaleza/CE

Toda a estratégia é no sentido de restabelecer a unidade familiar de produção. Na política agrícola e agrária.

Leonides Alves da Silva Filho
Superintendente-adjunto da Sudene/PE

Para uma área de 1.548.672 km² e 35.412.887 habitantes, o dinheiro que o DNOCS recebe é equivalente a 2 km do metrô/Rio.

José Amaury Araújo
DNOCS

Não aprendemos a dominar nossa terra; temos pouca água, mas temos muita energia - muito sol.

José Lins de Albuquerque
Senador/CE

A educação tem um papel muito importante, visto que cria condições para que as pessoas se sintam gente, se organizem e percebam os seus direitos sociais.

Leonides Alves da Silva Filho
Superintendente-adjunto da Sudene/PE

Seminário Discutindo o Nordeste



Parte do País está doente. Mas há condições de a saúde ser restabelecida pelo esforço e seriedade das medidas para a sua recuperação. No Seminário Discutindo o Nordeste, a busca e análise de mecanismos que possibilitem ao homem nordestino a solução de seus problemas. Entre as saídas apontadas pelo Seminário está a revisão do capítulo da Lei nº 5.692 relativo ao primeiro grau para que a distorção série-idade não coloque fora da escola milhares de crianças a partir dos nove anos.



Onde estão as saídas?

Os problemas da região Nordeste constituem sério obstáculo ao seu desenvolvimento. Embora os governos brasileiros dos anos passados e, também, o atual tenham proposto soluções, a curto, médio e longo prazos, as dificuldades encontradas pelos governantes, entidades, políticos e comunidades, que atuam naquela área brasileira, parecem desgastar em pouco tempo esses planos, devido ao número incontável de novas dificuldades que surgem sem que outras anteriormente detectadas sejam inteiramente sanadas. Uma evidência é importante constatar: a partir do fenômeno da seca, iniciam-se todos os enigmas da região nordestina. E mesmo os sítios onde a seca não prepondera — a zona da Mata e/ou do Cariri — se ressentem de ter que, praticamente, servir de "zona mantenedora" dos lugares não-privilegiados pelo verde.

Área crítica

A vertiginosa evolução da ciência e da tecnologia no que diz respeito à solução dos problemas da seca e de suas consequências parece não ter atingido a região que compreende nove estados e um território com características bastante heterogêneas tanto no aspecto físico como humano. Com uma área de 1.548.672km², aproximadamente 20% de todo território nacional, abrigando cerca de 35 milhões de habitantes, quase 30% da população brasileira, a região Nordeste é a área crítica do País.

Assim, o Seminário Discutindo o Nordeste, realizado em Fortaleza no período de 30 de maio a 1º de junho de 1983, foi uma necessidade imperiosa, sentida pelos coordenadores da região, de discutir a sua realidade, a ação do Mobral e dos demais órgãos de governo (regionais, estaduais e municipais). No decorrer do Seminário constatou-se o seguinte:

- A população pobre da região Nordeste já atingiu, há muito, os níveis de miséria extrema e os limites máximos de sua capacidade de esperar e confiar, independentemente do fenômeno da seca. Exemplo: as populações da zona da Mata.

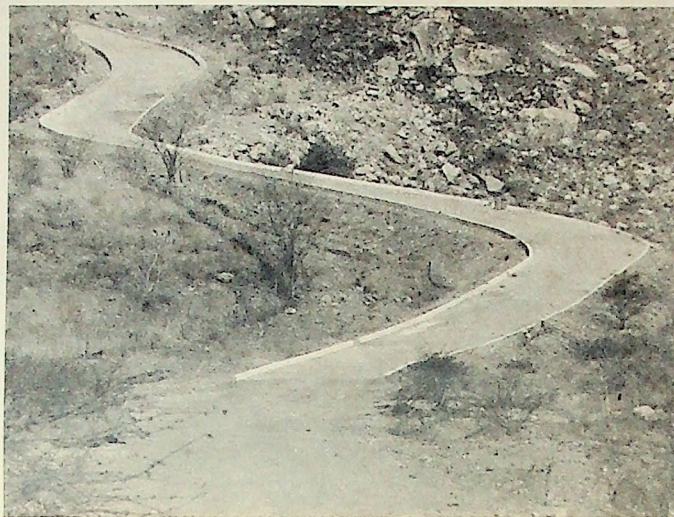
- É muito provável que os recentes índices de mortalidade infantil superem os recordes, já obtidos pelo País, na região.

- As reivindicações feitas pelos representantes das comunidades não se referem mais a conquistas, mas sim a direitos, com legislação já aprovada há anos. Exemplo: Estatuto da Terra, 1974, Governo Castelo Branco.

- Há o abandono das populações praieiras, cuja atividade produtiva fica à mercê dos atravessadores, pela situação de miséria em que também vivem.

- Ocorrem o não-reconhecimento e o não-aproveitamento da capacidade criativa e de organização que essa população possui para a superação de suas dificuldades. A região está sendo posta à margem pelas instituições, que se julgam donas das fórmulas e formas de atacar e resolver esses problemas. Isso agravado pelo fato de que cada instituição possui soluções das quais não abre mão, gerando conflitos e dispersão de recursos.

- No decorrer do Seminário, ficou claro



que a população pobre não busca soluções baseadas em comportamentos ou linhas ideológicas radicais, ela só reivindica condições para sobreviver e respeito à sua dignidade de seres humanos.

- As características de ação do Mobral, seus métodos de trabalho, que desde 1970 o aproximaram muito das comunidades, permitem ao órgão captar as tensões ao nível micro e identificar suas causas e consequências. O Mobral tem maior familiaridade com os problemas das comunidades do que a maioria das demais instituições, fato que é reconhecido não só pelas instituições como também pelas comunidades. A partir desses pontos e da análise de tudo o que foi dito no Seminário, concluiu-se que:

- se busquem no mais curto prazo possível mecanismos de relacionamento direto governo/lideranças comunitárias, independentemente de compromissos político-partidários ou outros interesses, para o atendimento das necessidades básicas da população pobre;

- as instituições ligadas aos assuntos fundiários acelerem sua ação, completando-a de modo a permitir a posse da terra e a produção;

- o capítulo da Lei nº 5.692, relativo ao 1º grau, seja reescrito, de modo a não se conflitar com a Constituição Brasileira, que determina a obrigatoriedade de escolarização para a faixa de 7 a 14 anos, sem especificação de série (art. 76); a distorção série-idade vem colocando fora da escola milhares de crianças a partir de nove anos; uma análise dos dados retirados do Relatório 882 do Conselho Federal de Educação/1980, publicação do MEC, demonstra que, no Nordeste, a escola exclui a maioria das crianças, deixando-as sem atendimento dos 9 aos 15 anos — esta situação alimentará o Mobral indefinidamente de novas e novas de analfabetos; "na prática, estamos frente a um sistema de vasos comunicantes, que impede o Mobral de trabalhar outras modalidades de Educação de Adultos, nas áreas de saúde, iniciação e qualificação

profissional, lazer e outras";

- as ações de saúde ligadas a Cuidados Primários sejam intensificadas e expandidas, principalmente para área rural e periferias urbanas;

- em relação à moradia nas periferias urbanas, seja estabelecida regulamentação da propriedade; as periferias urbanas hoje, no País, correspondem a mais de um terço da população;

- as soluções de complementação alimentar sejam urgentemente agilizadas e estendidas à população pobre através de organizações próprias da comunidade;

- a reforma tributária, no caso do Nordeste, seja revista e passe a considerar a contribuição da região para a economia do País (60% da renda do Nordeste sai da região);

- a participação das comunidades não se restrinja a simples consultas e diagnósticos; que elas colaborem na execução, controle e avaliação dos programas/projetos/atividades, pois a maioria das comunidades já tem suficiente consciência e conhecimento de seus problemas e das soluções, conforme sua realidade e possibilidades;

- as Prefeituras sejam envolvidas como órgãos de coordenação das aplicações de recursos em ações, fruto da demanda da comunidade, e que o controle dessas aplicações seja exercido pela própria comunidade.

Nesse sentido, as Câmaras de Vereadores devem ser chamadas a contribuir como grupo institucional de representação do povo e de seus interesses, no nível municipal. Acredita-se que todos esses pontos já tenham sido levados, por diferentes órgãos, ao conhecimento das instâncias superiores de decisão. Mas, neste momento, pela complexidade das dificuldades e pelo volume que elas atingiram, é crítico, dramático e de grande sofrimento para todos. Grande parte do País está doente, mas há condições de a saúde ser restabelecida pelo esforço e seriedade das medidas para a recuperação. E o Mobral se propõe a ser um dos viabilizadores e/ou articuladores dessa recuperação tão urgente e necessária.

Patativa: O do Assaré



Em determinado momento do Seminário Discutindo o Nordeste, apresentou-se para a platéia o popular Patativa do Assaré, cearense, poeta e repentista, pai de sete filhos (quatro homens e três mulheres) e autor do famoso livro *Cante lá que eu canto cá*. Nascido Antonio Gonçalves da Silva, Patativa conhece o Nordeste como ninguém. E já recebeu elogios até no exterior pelas suas qualidades de repentista. E do Mobral também falou, cantando em prosa e verso:

O Mobral vantagem leva, letras que encerram civismo, luz para os que estão nas trevas do triste analfabetismo.

Mobral, órgão de valor, de harmonia, paz, de amor, dando ao adulto instrução é precioso letreiro do Movimento Brasileiro de Alfabetização.

Este bonito projeto ao analfabeto adulto mostra que em nosso alfabeto existe um tesouro oculto. Hoje o que não sabe ler, querendo pode aprender e sem se sacrificar

terá atenção pontual, indo ao Posto do Mobral para se matricular. Este órgão alvissareiro vem trazendo boa sorte no nosso País inteiro: leste, oeste, sul e norte.

Um aluno do Mobral poderá futuramente ter o seu sonho ideal de um horizonte luzente. É por meio da leitura que poderá criatura na vida desenvolver.

O livro é o companheiro, mais fiel, mais verdadeiro que nos ajuda a vencer. O livro é já excelente, do aluno maior tesouro, prepara o tempo presente e aguarda o tempo vindouro.

Neste momento oportuno vou pedi a cada aluno que com desvelado amor cada um guarde na mente, prezando constantemente, o livro e o professor.

Ambos merecem louvores, gozam da mesma virtude, são eles os condutores da querida juventude.

E Patativa continuou com seu verso, para satisfação de todos: Eu nada pude aprender, lá na minha pobre terra, porém, pude conhecer o valor que o livro encerra.

Por isso de consciência, peço a esta assistência palmas para cada qual, professores, professoras e nossas supervisoras, dirigentes do Mobral.

Se o poeta marinho canta a beleza do mar, como o poeta roceiro, quero o meu sertão cantar com respeito e com carinho, meu abrigo, meu cantinho onde viveram meus pais.

O mais puro amor dedico ao meu sertão caro e rico de belezas naturais.

Meu sertão das vaquejadas, das festas de apartação, das alegres luaradas, das dilúbulas de feijão, das danças de São Gonçalo, das corridas de cavalo;

das caçadas de tatu, onde o caboco desperta, conhecendo a hora certa pelo canto do nambu.

E diferente da praça a vida no meu sertão, tem graça, tem muita graça uma noite de São João.

A mulher quer ser comadre e o homem quer ser compadre um ao outro dando a mão.

Assim o festejo cresce, e o sertão todo estremece dando viva a São João.

Se, por capricho da sorte, eu sertanejo nasci, até chegar minha morte, eu hei de viver aqui, sempre humilde e paciente, vindo do meu sol ardente e da lua prateada

os belos encantos seus e escutando a voz de Deus no canto da passareda. Aqui, do mundo afastado acostumei-me a viver.

Já nasci predeterminado sabendo amar e sofrer. Neste meu sertão bravo nas belas tardes de estio da chapada ao tabuleiro eu louvo, adoro, bendigo o ladrar do cão amigo e o aboiar do vaqueiro.

Se a clara noite aparece temos a mesma beleza, tudo é riso, paz e prece e a festa da natureza, seu compasso continua, a noturna mãe da lua solta o seu canto agoreiro, sua funéria risada.

AÇÃO COMUM

Edição especial sobre o Seminário Discutindo o Nordeste

Editado pelo Departamento de Comunicação, da Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — Mobral
Presidente: Claudio Moreira
Jornalista Responsável: Everardo Wilson de Lima Pinho
Registro profissional nº 11.494/RJ
Produção Editorial: Divisão Central de Produção
Rua da Alfândega, 214 — Centro — Rio de Janeiro — CEP 20070

O Jornal Ação Comum está sendo distribuído pela firma Distribuidora Fernando Chinaglia S.A. No caso de qualquer irregularidade no recebimento, solicitamos comunicar à redação. Rua da Alfândega, 214 — Centro — CEP 20070 — RJ.